

Folha de S. Paulo

20/5/1984

A revolta dos bóias-frias

Depois da festa da vitória, veio a notícia dos descontos

LUIZ SALGADO RIBEIRO

Enviado especial a Bebedouro

Depois de três dias de greve, reivindicando o pagamento de Cr\$ 200 por caixa colhida, os apanhadores de laranja de Bebedouro receberam uma ótima notícia: "conseguimos Cr\$ 210 por caixa, foi uma grande vitória" — anunciou, por telefone, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José Nunes do Nascimento, às 23h30 de sexta-feira, ao final de uma reunião em São Paulo com industriais do suco e o secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, na qual foi assinado o acordo para o fim da greve. Imediatamente a Rádio Bebedouro pôs a notícia no ar.

Aí, foi uma festança daquelas: foguetório no Jardim Cláudia e na Vila Santa Teresinha, onde mora a maioria dos dez mil bóias-frias da cidade; passeata até de madrugada pelas ruas centrais com umas 100 pessoas dando gritos de vitória, entre goles de cachaça.

Passada a ressaca, essa euforia começou a se desfazer na manhã de ontem, quando alguns poucos trabalhadores tomaram melhor conhecimento do acordo. Na realidade, os Cr\$ 210 não são o valor líquido de pagamento por caixa colhida. Dessa importância devem ser deduzidas parcelas, a serem retidas na mão do empregador, referente ao pagamento do descanso semanal remunerado, férias, 13º salário e indenizações no fim da colheita que vai até dezembro.

Logo que chegou na manhã de ontem a Bebedouro, o presidente do sindicato disse que os colhedores receberão um pagamento líquido por caixa de Cr\$ 144. Caso não falem ao serviço, de segunda a sábado, terão um adicional de Cr\$ 24 a título de pagamento do domingo. Assim, a caixa colhida iria para Cr\$ 168. Os Cr\$ 42 que faltam para o preço fixado no acordo ficariam em um fundo para ser pago no fim da colheita correspondendo à indenização, 13º salário e férias.

"Eu, até agora, não entendi bem essa matemática. Na reunião havia muita pressão dos representantes das indústrias, ameaçando toda hora a se retirar da mesa de negociações, e a gente precisava de uma solução de qualquer maneira" — justificou-se o cansado e atordoado José, que está na presidência do sindicato há 17 anos, sem ter adquirido o salutar costume de promover discussões e assembléias.

Apesar dessa confusão sobre o item básico referente à remuneração dos bóias-frias, José considera o acordo como uma grande vitória, por ser o primeiro assinado entre as indústrias e os sindicatos. E também por estabelecer entre outros pontos a obrigatoriedade de carteira assinada para os trabalhadores, o pagamento de dias não trabalhados por motivo de chuva e o fornecimento de recibos de salários, discriminando os dias de serviço, as caixas colhidas e os valores retidos para pagamento posterior:

"Com isso o sindicato vai poder controlar os pagamentos e o trabalhador terá documentos para comprovar suas reclamações na Justiça, coisa que até agora praticamente não existia", afirmou José.

Protestos

As primeiras reclamações dos trabalhadores não estão sendo contra os patrões e sim contra o presidente do sindicato.

"Quando a esmola é demais, o santo desconfia. O sindicato enrolou a gente com essa conversa de Cr\$ 210 e nós vamos receber menos que os Cr\$ 200 que a gente queria com a greve. Onde já se viu essa história de trabalhar hoje e ficar com parte do pagamento para receber no fim do ano? Isso é enganação" — sentenciava, aos berros, um trabalhador na frente do sindicato.

Para evitar maiores confusões, José do Nascimento decidiu que a reunião de bóias-frias marcada para ontem à tarde no ginásio de esportes da prefeitura seria "uma festa para comemorar a vitória" e não uma assembléia para discutir e aprovar o acordo.

O prefeito Sérgio Stamato — preocupado com a preservação da ordem, que milagrosamente conseguiu obter na cidade durante os três dias de greve — completou: "é preciso ver bem direitinho quem vai falar nessa reunião para evitar bagunça. Quanto menos falatório melhor".

Alimentos

Sobraram mais de 300 pacotes de alimentos, ao final da distribuição feita às famílias dos bóias-frias na sede do sindicato dos trabalhadores rurais. Mais de 2.500 famílias de trabalhadores receberam pacotes com aproximadamente 10 quilos de alimentos desde a noite de quinta-feira até o começo da tarde de ontem. As sobras serão distribuídas pelos professores que organizaram a campanha entre outras famílias necessitadas.

Essa distribuição, porém, pouco vai aliviar o problema da fome entre os dez mil bóias-frias de Bebedouro. O pacote deve ser consumido em dois ou três dias, no máximo. E os trabalhadores só deverão receber seus primeiros pagamentos dentro de 15 dias.

Ontem, com a final da greve, foram poucos os bóias-frias que voltaram à colheita de laranja. Esse trabalho deve começar somente na segunda-feira.

(Página 23)